



TÍTULO DO PROGRAMA

Portinari, o poeta da cor

SINOPSE DO PROGRAMA

Cândido Portinari foi o maior artista plástico brasileiro do século 20. Premiado e reconhecido internacionalmente, Portinari soube olhar para o Brasil e retratá-lo a partir de seus habitantes; mostrou a inocência das crianças e o flagelo dos retirantes nordestinos; mostrou a poesia e a dor de um povo. O documentário mostra a vida desse intelectual que saiu da pequena Brodosky para conhecer o mundo e aí então olhar melhor para o seu próprio país. No programa Sala de Professor as disciplinas de Língua Portuguesa e Arte se unem para promover uma leitura integrada da obra de Portinari.

CONSULTORES

Rosane Acedo Vieira – Arte
Irene Terron Gadel – Língua Portuguesa

TÍTULO DO PROJETO

A língua como a cor

❖ APRESENTAÇÃO

A poética de Portinari ao pintar sua gente e sua terra é o enfoque da sequência didática proposta a partir do documentário. A temática que o pintor tão bem expressou em suas telas cruza-se com a palavra escrita nas ilustrações que produziu para diversos livros ou em seus próprios textos. A Arte começa o trabalho, focando, especialmente, o traço poético das obras de Portinari e a temática de suas obras que traduzem o clima cultural da 2ª fase do Modernismo brasileiro (1930-1945). A disciplina de Língua Portuguesa verá como a mesma temática marca os poemas do artista, mas, também a de outros escritores dessa



fase, alguns deles escrevendo sobre a obra do pintor. Imagens na leitura e leitura de imagens é o movimento que os professores encontrarão nas atividades indicadas nesse projeto.

O trabalho em sala de aula e o Enem

Nesta proposta, trabalhamos com alguns dos conteúdos disciplinares (objetos do conhecimento) listados na Matriz de Referência para o Enem 2013 e com o desenvolvimento das seguintes competências e habilidades:

Arte

Conteúdo: Produção e recepção de textos artísticos: interpretação e representação do mundo para o fortalecimento dos processos de identidade e cidadania; Estrutura morfológica, sintática, contexto da obra artística e o contexto da comunidade.

Competência e habilidade: Área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias
Competência de área 4: H12
Competência de área 6: H18.

Língua Portuguesa

Conteúdo: A produção literária da 2ª fase do Modernismo: contexto histórico e cultural. O “nacionalismo crítico” e a arte engajada.

Competência e habilidades: Área de Linguagem, Códigos e suas Tecnologias
Competência área 1: H1, H2, H3 e H4;
Competência área 4: H12;
Competência área 5: H15 e H16;
Competência área 6: H20;



Competência área 7: H21.

Para obter a Matriz de Referência para o Enem, acesse o Anexo II do edital:

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/edital/2013/edital-enem-2013.pdf

❖ UM OLHAR PARA O DOCUMENTÁRIO A PARTIR DA ARTE

“A paisagem em que a gente brincou pela primeira vez e a gente com quem conversou pela primeira vez nunca mais saem da gente. E eu, quando voltar, vou ver se consigo pintar a gente da minha terra.”

Cândido Portinari (documentário: 2min36s, parte 2).

O documentário apresenta muitos aspectos da vida de Portinari, mas a temática e sua poética foi o recorte escolhido para as atividades de Arte.

Portinari é considerado o “pintor do Brasil” por ter adotado em suas obras os temas nacionais como: fatos históricos, expressões da cultura brasileira, fauna e flora nacionais, entre outros. É importante ressaltar que Portinari confessava ter feito mais por questão de sobrevivência que por gosto; destacam-se obras em que o artista representou a gente de sua terra em toda sua realidade. Realidade que poetizou por meio de cores, formas e gestos. O que isso significa?

Essa pergunta não poderá faltar. É desejável que o professor problematize com seus alunos essa questão: O que significou na época em que o pintor trabalhou e o que significa hoje sua opção por retratar o Brasil em suas diversas facetas.

Após a apresentação do documentário é interessante que essa e outras perguntas sejam colocadas.

- Segundo os depoimentos expostos no documentário, o que representa o trabalho de Portinari para a arte brasileira?
- Que relações existem entre o contexto político-social do Brasil nas décadas de 1930 e 1940 do séc. XX e sua obra?
- Que aspectos brasileiros estão presentes na obra de Portinari?



É muito importante que o professor levante questões sobre o documentário e que incentive seus alunos a fazer seus próprios questionamentos.

Ao fazer a opção de pintar sua gente, Portinari constrói sua poética pessoal. Não se trata simplesmente de retratar o povo brasileiro, suas dores, seu folclore, sua história, mas de imprimir em suas obras o que de mais pujante existia na realidade observada. Segundo depoimento de Jacob Klintowsty, “Portinari entendeu a realidade como a capacidade de formular uma linguagem, uma frase uma dicção renovadora que ao mesmo tempo podiam propor renovações dessa realidade”. (documentário: 3min25s, parte 4).

Trata-se, portanto, de uma pintura engajada aos ideais revolucionários de sua época e essa intencionalidade deve ser destacada e debatida. Cândido Portinari pertenceu a uma geração de artistas e intelectuais que se voltaram às questões nacionalistas e que também passou a expressar uma constante preocupação com a situação do povo brasileiro. Emiliano Di Cavalcanti, imortalizado por suas mulatas, foi um dos pioneiros quanto à manifestação de suas preocupações sociais por meio da arte. Seguiram-lhe, entre tantos, Tarsila do Amaral em sua fase social, Lasar Segall, Quirino Campofiorito, Eugênio Sigaud e os artistas pertencentes aos Clubes de Gravura que, por meio da reprodução de suas obras, pretendiam democratizar o alcance à arte.

Ao pintar sua gente, Portinari revive sua infância, expressa o vivido e o sentido, amplia suas percepções e materializa em sua obra os anseios de um país melhor, mais justo.

Esse ideal transformador da arte constitui parte de sua poética pessoal.

Para que os alunos compreendam melhor a construção temática e poética de Portinari, é interessante que o professor lhes apresente obras de outros autores do mesmo período, sem, contudo, solicitar qualquer comparação que envolva julgamentos, pois se trata da percepção de trajetórias e opções diversas a fim de que se possa compreender melhor o conceito de poética.



Poética: conceito da obra, o texto visual que traduz uma obra de arte, que expressa os desejos, as ideias e as propostas do artista.

Obras de Guignard podem oferecer o contraponto desejável, neste caso. Guignard também pintou a gente e a paisagem brasileiras, mas diferente de Portinari, sua poética estava mais ligada às visões idealizadas que partem do natural para ultrapassá-lo pela imaginação.



Alberto da Veiga Guignard, Retrato de uma família, 1930 e Cândido Portinari, Retirantes, 1945

Quando impedido de pintar, por se encontrar doente devido à alergia desenvolvida a algumas tintas e pigmentos, Portinari passa a escrever e seus textos carregam a mesma temática de suas obras visuais. Era a necessidade de expressão que o movia, porém, pelas especificidades de cada uma dessas linguagens, sua escrita e pintura se apresentaram bastante diferentes. Compare, por exemplo, duas de suas produções sobre a temática da morte.

Respirar

O filho menor está morrendo
As filhas maiores soluçam forte
Caem lágrimas de pedra. Mãe querendo
Levar menino morto: feio de sofrer, cara da morte

Desolação. Silêncio apavorando
Solo sem fim pegando fogo.
Não há direção. O sol queimando
Embrutece. Cabeça vazia de bobo

Há quanto tempo? Famintos e sem sorte





A água pouca, ninguém pede nem faz menção

Água, água, se acabar, vem a morte.
Estão irrigando a terra? É barulho de água? Alucinação

Que Santo nos poderia livrar?
Reza de velho louco
Deus pode a todos castigar.
Que é que esse menino tem? Está morto.

O professor poderá retomar trechos do documentário (por exemplo, 3min58s, parte 4) em que Portinari comenta ou se refere a seus temas, como por exemplo, sua fala sobre os pés dos lavradores.

É interessante que se apresente aos alunos outros artistas que também transitam entre as duas linguagens: visual e verbal. Dorival Caymmi é um deles. A temática de suas canções também se estende às suas pinturas.

Os negros e os mulatos que têm suas vidas amarradas ao mar têm sido a minha mais permanente inspiração. Não sei de drama mais poderoso do que o das mulheres que esperam a volta, sempre incerta, dos maridos que partem todas as manhãs para o mar no bojo dos leves saveiros ou das milagrosas jangadas. [...] Tratei desses motivos porque nada mais sou que um homem do cais da Bahia, devoto eu também de Yemanjá, certo eu também que estamos todos nós nas suas mãos, rogando-lhe que não envie os ventos da tempestade, que seja de bonança o mar da minha vida.

Dorival Caymmi, na introdução de Cancioneiro da Bahia.

A seguir a produção textual e visual de Caymmi sobre a temática do mar e da vida de pescadores:



Quem vem pra beira do mar

Quem vem pra beira do mar, ai
Nunca mais quer voltar, ai
Quem vem pra beira do mar, ai
Nunca mais quer voltar

Andei por andar, andei
E todo caminho deu no mar
Andei pelo mar, andei
Nas águas de Dona Janaína
A onda do mar leva
A onda do mar traz
Quem vem pra beira da praia, meu bem
Não volta nunca mais

Dorival Caymmi, Seis cenas, s.d.

Outro aspecto a destacar da obra de Portinari é seu trabalho como ilustrador. Em 1952, com ilustrações de Portinari, a revista “O Cruzeiro”, publica o romance “Os Cangaceiros” de José Lins do Rego, em capítulos semanais. Foram 30 ilustrações a óleo sobre carvão. Do mesmo autor, Ilustrou ainda a edição histórica de “O Menino do Engenho”. Também em edição histórica ilustrou, em 1943, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, escrito originalmente por Machado de Assis e publicado pela primeira vez em março de 1880.

As ilustrações de Portinari se destacaram por sua grande qualidade imaginativa, acrescentando à obra literária a poética visual.

O que quero dizer é que, procurando traduzir fielmente Machado de Assis para o desenho, Portinari restringiu, ou melhor, dirigiu a sua imaginação,





fazendo uma recriação, coisa mais difícil, e no caso mais valiosa, do que a criação espontânea. (Lucia Pereira, crítica literária, 1996.)

Uma das relações mais marcantes entre imagem e texto na obra de Portinari trata-se da série de vinte e um desenhos a lápis de cor, realizados em 1956, para uma edição do clássico de Miguel de Cervantes *Dom Quixote*. Como o projeto foi abandonado pela editora, seu trabalho ficou guardado até 1972, quando Carlos Drummond de Andrade lançou um livro com 21 poemas, alusivos às gravuras do amigo pintor que foi publicado com o título *Quixote e Sancho, de Portinari, em As impurezas do branco* (1973). A construção dos poemas revela, certamente entre outras, duas leituras do poeta: do texto de Cervantes (1605) e dos cartões da série *Quixote*, de Portinari. Sob essa ótica, a elaboração dos poemas pressupõe modos diferenciados de percepção do objeto de poesia pelo eu poético, um verbal e outro não verbal. Portinari ilustrou Cervantes, e Drummond, por sua vez, escreveu para as imagens de Portinari e sobre a obra de Cervantes. No entrelaçamento das visões dos três autores temos a revelação um Quixote renovado.

Atividade

A atividade proposta em Arte refere-se às temáticas de Portinari expostas no documentário e será preparatória para a atividade interdisciplinar. Trata-se de uma atividade de apreciação.

1. Após a apresentação do documentário e da discussão proposta sobre o mesmo, o professor solicitará que os alunos identifiquem e relacionem os temas expostos. Ex.: retrato, infância, natureza, religião, história e crítica social. Em seguida, deverá propor que, divididos em grupos de 4 alunos, dediquem-se a explorar um dos temas trabalhados por Portinari.



2. Cada grupo deverá explorar um tema e escolher deste uma obra para leitura e análise. Para esse trabalho é importante que consultem o portal do Projeto Portinari que conta com o acervo digitalizado de toda obra do artista, além de textos e publicações (Disponível em: <http://www.portinari.org.br/>. Acesso em: 08 jun. 2014).

A leitura deverá focar os seguintes aspectos:

Descrição da obra: Que elementos ela contém? Como estão dispostos? Como se inter-relacionam? Como foi construída (técnica, cor, linhas, formas etc.)?

Interpretação da obra: De que ela fala? Que sensações provoca? Que intenções revela?

Contexto da obra: Quando foi pintada? Faz parte de uma série? Outras informações relevantes.

3. Após o levantamento, cada grupo deverá apresentar aos seus colegas a leitura que fez. É muito importante que a turma toda possa visualizar a obra que o grupo apresenta.

A avaliação deverá considerar: 1) profundidade na exploração do tema; 2) Qualidade da leitura e análise expostas; e 3) Qualidade da apresentação oral e visual.

Material

- Obras de Portinari - podem ser digitais;
- Obras de Guignard e Caymmi - também podem ser digitais;
- Computadores;
- Projetor.

Etapas

- Apresentação do documentário;
- Discussão sobre o conteúdo orientada por questões introduzidas pelo professor;
- Levantamento de questões pelos alunos;
- Sistematização do conceito de poética com a apresentação de obras e contextos;
- Proposta de atividade em grupo: identificação dos temas de Portinari, leitura e apresentação para a sala de uma obra de Portinari.



❖ UM OLHAR PARA O DOCUMENTÁRIO A PARTIR DA LÍNGUA PORTUGUESA

O documentário aborda a obra de Cândido Portinari, pintor cuja obra traz o clima cultural da 2ª Fase do Modernismo. Essa fase abriga poetas importantes e muito conhecidos, como Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinicius de Moraes, além de Murilo Mendes e Jorge de Lima. Contudo, é o romance que domina a literatura: são os romances engajados, denunciando problemas sociais, em regiões e cidades brasileiras (sobretudo no Nordeste).

Os anos entre 1930 e 1945 foram marcados por conflitos armados, o maior deles a 2ª Guerra Mundial, por revoluções, por governos totalitários, pelos confrontos da intolerância racial e religiosa, mas, também, trouxeram descobertas e invenções transformadoras para a humanidade: a penicilina, a televisão, a bomba atômica (que lhe deu o poder de exterminar a si mesma). No Brasil, a época trouxe embates: a revolução de outubro de 1930, com Getúlio Vargas pondo fim à República Velha e trazendo a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), o incentivo à industrialização, a Revolução Constitucionalista de 1932, o golpe de estado e a implantação do Estado Novo em 1937, a entrada na Segunda Guerra em 1942, a paz em 1945. O clima era de efervescência político-social, clima que as artes vão absorver e expressar.

Passada a primeira fase modernista (1922–1930), renovadora, por isso iconoclasta, os artistas, armados das novas posturas e formas de expressão, já consolidadas, voltam os olhos em duas direções que, antes de se oporem, completam-se: a expressão do eu lírico/narrador (que busca entender e entender-se frente às novas circunstâncias que o cercam) e a empatia com os problemas sociais (a denúncia das circunstâncias que os causam e a degradação do ser humano por elas causada). Do “mundo dentro de mim” e do “mundo ao meu redor” é retirada a temática desta fase que ocupa os anos entre 1930 e 1945.

Desolados diante da destruição trazida pelos conflitos armados, perplexos e desencantados pelas atrocidades que o ser humano é capaz de cometer,



perdidos no mal-estar diante de um mundo transformado, novo, nem por isso melhor, procurando significado e propósito para suas vidas, pintores e escritores investigam-se: as suas história, ideias, posturas profanas e religiosas, atuações e, claro, emoções, enfim suas identidades. É emblemático o famoso poema *José*, de Carlos Drummond de Andrade. Na *Antologia Poética*, onde os poemas foram escolhidos e reunidos em grupos pelo próprio poeta, o primeiro grupo ganhou o título icônico de *Um eu todo retorcido*. Desse grupo fazem parte, além de *José*, *Poema das sete faces*, *A bruxa* e mais quinze poemas que expressam esse sentimento de inadequação, de mal-estar no mundo, com o mundo e consigo mesmo. A mesma postura encontra-se em Cecília Meireles (*Epigrama do espelho infiel*, por exemplo) e em Vinicius de Moraes (o famoso *Poema de natal* entre outros).

Voltando à sua história, os artistas encontram sua cidade natal, sua família, sua infância – temas explícitos ou substrato reconhecível em muitas obras dos autores dessa fase. Vejam-se, como exemplos, os poemas *Confidência do itabirano* e *Retrato de Família*, de Drummond; *Elegia quase uma ode* e *Elegia ao primeiro amigo*, de Vinicius de Moraes, o romance *Menino de engenho*, de José Lins do Rego, *Infância*, de Graciliano Ramos, *Memórias de menina*, de Raquel de Queirós (cf. as telas *Meninos brincando com piões* e *Grupo de meninas brincando*, de Portinari).

Explorando a realidade que o cerca, o artista encontra: o presente e o passado (na história de sua cidade, região, país); o seu semelhante - assim o reconhece - e sua condição de vida, daí nascendo a empatia, a comoção com seu sofrimento, a necessidade de agir – o que faz pela pintura, pela narrativa e pelo poema engajados.

Os poetas, além de tomar por assunto os problemas brasileiros – também denunciam o sofrimento humano em outras terras, como faz Cecília Meireles em *Poemas escritos na Índia: Pobreza, Tarde amarela e azul, Cidade seca, Passeio*, são alguns deles. Ou Drummond, em poemas de *A rosa do povo* e Vinicius, em *O*



encontro do cotidiano, Balada dos mortos dos campos de concentração: mensagem à poesia ou no conhecido, A rosa de Hiroshima.

O romance regionalista é a vertente dominante da época. Trazendo a geografia, os tipos humanos característicos, seus usos, costumes, sua forma de expressão, busca retratar o Brasil múltiplo, tentando entendê-lo, “consertá-lo”, querendo extirpar problemas e mazelas pela denúncia, fazendo do leitor ou observador, conquistado pela emoção, um aliado na construção de um país melhor. Nesse sentido, pode-se chamar de nacionalismo crítico a postura que anima essas obras. Vinicius de Moraes no belo poema *Pátria minha* expressa esse sentimento.

No nordeste do Brasil encontrou-se matéria farta para denúncias. Dali vem um grupo forte de autores, testemunhas de problemas, ligados: 1) à cana de açúcar: José Américo de Almeida (*A bagaceira*) e José Lins do Rego (*Menino de Engenho, Doidinho, Banguê, Usina e Fogo morto*); 2) ao cangaço: José Lins do Rego (*Cangaceiros, Pedra Bonita*); à seca: Raquel de Queirós (*O Quinze*), Graciliano Ramos (*Vidas Secas*); 3) ao cacau: Jorge Amado (*Cacau, Suor, Terras do sem fim, São Jorge de Ilhéus, Tocaia Grande*); 4) aos pescadores: Jorge Amado (*Mar morto*).

O sul do Brasil, especificamente, o Rio Grande do Sul tem em Érico Veríssimo seu autor. Na trilogia *O tempo e o vento* (*O continente, O arquipélago e O retrato*), narra as lutas para a constituição desse estado por meio da história da família Terra-Cambará.

Os autores regionalistas não deixam de chamar a atenção para os problemas humanos que se desenrolam nas cidades, em que a aproximação de pessoas os fortalece e evidencia: a diferença de classes, a exploração do proletariado e dos mais humildes, a estreiteza de visão da classe média, a opressão exercida pelos mais ricos, a parcialidade e corrupção do governo e de seus representantes, a conivência da Igreja, distanciada da essência do Cristianismo, aliada às autoridades injustas e à beatice tacanha, as complexas



relações humanas, o preconceito racial e religioso, a perseguição da ditadura, tudo isso é também assunto para as histórias engajadas dessa época, todas com maior ou menor viés “de esquerda” (o que provocou a prisão de vários intelectuais aqui mencionados). Obras como *Caetés*, de Graciliano Ramos; *Moleque Ricardo*, de José Lins do Rego; *Jubiabá* e *Capitães da areia*, *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água*, *Pastores da Noite*, *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado; *Clarissa*, *Caminhos cruzados*, *Música ao longe*, de Érico Veríssimo.

Resta lembrar que posturas típicas da fase em estudo têm lugar na Literatura Brasileira bem antes de 1930: como o projeto regionalista de José de Alencar, traduzido em: *O sertanejo*, *O gaúcho*, *O tronco do Ipê*, *Til*; o tema do cangaço, que aparece em *O Cabeleira* de Franklin Távora; a seca e as frentes de trabalho no enredo de *Luzia Homem*, de Domingos Olímpio; poemas de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira. Se são precedidas, são também seguidas por obras de Guimarães Rosa, Ferreira Gullar, dos poetas concretistas, e da geração de 1970, com sua poesia marginal, em mencionar as letras de música: *Asa Branca*, *Último pau de arara*, *ABC do nordeste flagelado*, *Disparada*, *Admirável gado novo* etc.

Atividade

É introdutória ao trabalho interdisciplinar. Embora possa ser aplicada a todas as séries do Ensino Médio, indicamos a atividade para a 3ª série, por dois motivos: é a série em que o Modernismo faz parte do programa de Literatura do curso de Língua Portuguesa e os alunos já viram a Literatura anterior, portanto têm um repertório maior de estilos, temas, autores e obras.

1. O professor separa os alunos em grupos de quatro integrantes e indica-lhes um romance ou a obra de um poeta a ser lido num prazo justo, considerando outras atividades e trabalhos escolares marcados. Depois da leitura, o grupo deve apresentar à classe uma análise básica dos



livros aos alunos, falando do enredo e de como é tratado na obra, caracterizando algumas personagens e seu papel no desenvolvimento da história. Os grupos devem apresentar um esquema de pontos importantes e transcrevê-los em folha(s) de cartolina que ficarão expostas na sala até a finalização do trabalho. Havendo disponibilidade de computadores, o esquema pode ficar aí arquivado.

Sugerem-se: *Vidas Secas* ou *O quinze*, *Menino de engenho*, *Mar morto*, *Capitães de areia*, *Um certo Capitão Rodrigo*, *A rosa do Povo*.

2. O professor discorre sobre a 2ª fase do Modernismo, contextualizando as obras lidas. Possivelmente a esta altura, os alunos já conhecem obras de Portinari.
3. Reunidos em novos grupos, em que cada aluno terá trabalhado com uma obra diferente, vão tentar identificar, nos trabalhos do pintor, um dos aspectos que ressaltaram nas obras lidas. Para facilitar a identificação, o professor pode fornecer poemas do próprio Portinari, poemas que “pintam” com palavras o que ele já havia feito com traços e cores e que servirão de exemplos para que os alunos atendam a proposta feita. Sugerem-se os poemas: *Deus de Violência*, *O menino e o povoado* [a, *Não tínhamos nenhum brinquedo*; b, *Saí das águas do mar*; c, *Sentia-me feliz quando chegava o circo*.]
4. Cada grupo redige um texto em que informa o trecho literário encontrado e sua correspondência com as obras de Portinari. Enriquecendo o trabalho, os alunos podem encontrar o tema expresso em outras linguagens, como músicas, filmes desenhos, reportagens etc. que já conheçam ou que pesquisem.

O trabalho será avaliado levando-se em conta o cumprimento de cada etapa do trabalho, a sua entrega na data combinada, o atendimento ao que foi proposto, e a qualidade do texto entregue (quanto ao conteúdo, à coesão, à coerência, à correção gramatical, à apresentação). Para maior clareza, o



professor pode distribuir a nota pelas etapas do trabalho; se o fizer deve informar os alunos desse critério no início da atividade.

Materiais

- Livros sugeridos para leitura;
- Caderno, folhas avulsas, canetas hidrográficas;
- Folhas de cartolina;
- Telas e poemas de Portinari;
- Computadores, se disponíveis, para pesquisa e visualização das telas de Portinari, para arquivar ou digitar e apresentar o trabalho.

Etapas

- Indicação e leitura de livros;
- Grupos discutem o livro, esquematizam aspectos importantes e os apresentam à classe;
- Telas/ ilustrações de Portinari;
- Novos grupos fazem a correspondência de trechos dos livros e a obra de Portinari;
- Redação em que explicam a(s) correspondência(s) encontrada(s);

Veja mais...

- <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=52220>. Acesso em: 08 jun. 2014.
- A literatura regionalista na invenção do Nordeste .
- <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=27707>. Acesso em: 08 jun. 2014.
- O romance da geração de 30: o regional é universal.

❖ UMA CONVERSA ENTRE AS DISCIPLINAS

Partindo das obras e dos poemas de Portinari, os alunos farão, em pequenos grupos (três ou quatro integrantes), um trabalho semelhante ao feito pelo artista. Escolhida uma tela ou ilustração, vão produzir um texto: um poema, uma narrativa, um artigo ou uma reportagem para jornal, um texto de propaganda. Podem partir da tela toda, ou podem concentrar-se num pormenor: uma das figuras do quadro, objeto(s) presentes na obra, usar seu tema, o aspecto abordado do tema, as cores, o fundo etc.

Sendo um poema: precisa transmitir lirismo, ser criativo. Os versos podem rimar ou não, ter métrica ou ser versos livres, ter estrofes ou não.



Sendo uma narrativa: a criatividade é importante, assim como a coerência e a coesão. Originalidade é desejável. O texto precisa ter princípio, meio e fim. O registro pode ser padrão ou coloquial, com vocabulário regional ou não; o registro deve ser coerente em todo o texto. A correção gramatical deve adequar-se ao registro escolhido. Se houver personagens, que sejam necessárias ao enredo, agindo com lógica no texto.

O texto pode ser sério, cômico ou trágico, mas o autor precisa usar a linguagem adequadamente, e preservar a coerência.

Se a escolha for um texto jornalístico, que siga as características desse gênero.

Com os textos feitos, o grupo escolhe um deles para transpô-lo para um vídeo, uma animação, uma fotografia (ou uma sequência delas), uma música, um *sketch* ou uma cena teatral.

Finalmente, os alunos organizam e apresentam um sarau, em que mostrarão suas produções. Devem determinar o que cabe a cada grupo (os grupos podem reorganizar-se): atuação, cenografia, sonoplastia, iluminação, figurino, efeitos especiais (computadores, *data show* ou projetores, telas). Podem incluir na apresentação outros elementos além de seus trabalhos, como trechos de filmes, vídeos ou clips, músicas.

É possível que os grupos escolham o que querem fazer, mas deve ficar claro que serão avaliados pelo que se propuseram a fazer e pelo resultado do trabalho. Ao professor cabe a coordenação e direção de todo o sarau, observando como os alunos trabalham em grupo, como estão se dedicando e se precisam de orientação.

O sarau pode ser apresentado para algumas classes, para todos os alunos da escola ou para a comunidade (professores, alunos, pais e convidados), dependendo da disponibilidade de tempo, de espaço, das outras atividades escolares.



Avaliação: o professor determina, com os grupos, as etapas necessárias para sua apresentação: qualidade do texto e sua adequação ao gênero escolhido e à forma de apresentação para o sarau, que deve considerar: o desempenho, harmonia e organização do grupo, presença e dedicação durante o(s) ensaio(s).

Se a avaliação resultar em nota ou conceito, seria adequado que o grupo desse um valor ou peso para cada etapa do processo. O resultado final no sarau deve ter um peso considerável. Sugerimos também que um grupo avalie o outro, sendo avaliador e avaliado determinados por sorteio. O grupo avaliador, seguindo os critérios estabelecidos, escreverá sua avaliação, desejavelmente consensual, justificando-a. Ao professor cabe julgar a adequação dessa avaliação, para que fatores como animosidade, amizade, popularidade, condescendência, não pesem na avaliação. Havendo a necessidade de alterar a avaliação do grupo, deve conversar e apontar o que lhe parece inadequado, ouvindo e pesando os argumentos de grupo avaliador, até que um resultado satisfatório seja atingido. A avaliação não deve ser divulgada antes disso.

Material

- Seleção de obras de Portinari, se possível em reproduções ampliadas;
- Cadernos, folhas avulsas, caneta, lápis;
- Máquinas fotográficas, filmadoras, celulares, dependendo do que os alunos forem usar para a apresentação dos textos no sarau;
- Computadores, *data show*, aparelhos de som, microfones, *spots*, lâmpadas;
- Painéis para exposição de fotos;
- Materiais necessários para o cenário: papel kraft, TNT, tecidos, móveis, objetos, desenhos, painéis para o fundo da cena, cortinas para boca de cena, se forem necessárias;
- Roupas, chapéus, acessórios, maquiagem.

Etapas

- Grupos de alunos escolhem uma obra (tela ou ilustração) de Portinari;
- Cada aluno redige um texto que traduza ou seja relacionado à obra;
- Cada grupo escolhe o texto de um dos integrantes para produzir um número do sarau;
- Cada grupo produz seu número;
- Grupos decidem como trabalhar para a apresentação;
- Apresentação do sarau.



❖ BIBLIOGRAFIA, SUGESTÕES DE LEITURA E OUTROS RECURSOS

Livros e Revistas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio: Ed. do Autor. 2010.

ANDRADE, Mário de. *Mário de Andrade*. Sel. estudos biográficos, histórico, crítico de João Luiz Lafetá. 2ª ed, São Paulo: Nova Cultura, 1988.(Literatura comentada.)

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970.

GULLAR, Ferreira. *Ferreira Gullar*. Sel., notas, estudos biográfico, histórico e crítico de Beth Brait. 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural 1088 (Literatura comentada).

MEIRELES, Cecília. *Obra poética*. 3ª ed. Rio: Nova Aguilar, 1986.

MORAES, Vinicius de. *Poesia completa e prosa*. 2ª ed. Rio: Nova Aguilar, 1974.

QUEIROZ, Rachel. *O quinze*. 88ª ed. Rio: José Olympio, 2010.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 114ª ed. Rio: Nova Record, 2010.

Sites e Outros recursos (Acessos em: 08 jun. 2014)

<http://www.viniciusdemoraes.com.br/>.

<http://www.youtube.com/watch?v=ZNEjwdrEjcQ> - Modernismo no Brasil, 2ª fase.

<http://www.pintoresfamosos.com.br/?pg=portinari>.

<http://www.poeticasvisuais.com/wp-content/uploads/2011/08/nas-maos-de-mestres-a-pena-e-o-nanquim.pdf>